_ __Açudes e Noras

Ao longo do curso do Fivelo encontramos uma série de açudes e noras, engenhos anteriormente utilizados no aproveitamento da precipitação e das águas daquela ribeira, e cuja origem se perde no tempo. Muito do património hidráulico presente na bacia do Tejo e em alguns dos seus afluentes reporta-se à época romana, tendo sido mais tarde adaptado ao aproveitamento da água com a construção de estruturas como pisões, moinhos, azenhas e levadas.

No século VIII, engenhos e técnicas de regadio como o açude, a nora e a picota foram trazidos para a Península Ibérica pelos Muçulmanos, permitindo o cultivo de legumes e a plantação de árvores de fruto como a laranjeira, o limoeiro, a figueira ou a oliveira.

Os açudes são muros de pedra que servem para reter, elevar e desviar a água dos rios, conduzindo-a através da levada (um canal) ao moinho ou azenha, num percurso descendente em que esta ganha a energia necessária para movimentar o rodízio e, por sua vez, a mó que há-de transformar o cereal em farinha.

Frequentemente, os cursos dos rios eram fixados com a construção de muros de suporte ao longo das margens.

A nora, um dos primeiros inventos a aproveitar a energia hidráulica, já estava bastante divulgada no final do primeiro século antes de Cristo e era utilizada pelos árabes na elevação da água dos poços. Este sistema de irrigação possui um engenho de rodas dentadas, discos e alcatruzes, sendo o eixo central movido por um animal de carga. Bombeada para uma levada, a água voltava ao açude por acção da gravidade, depois de ser utilizada na rega de terrenos situados a nascente, transformando assim zonas incultas em vistosas hortas e pomares. Por sua vez, a picota ou cegonha é um aparelho simples, movido pelo homem, e utilizado para elevar a água empregue na rega. Formado por dois paus, esta funciona como uma balança inter fixa, encontrando-se geralmente junto a pequenos poços.

! Cuidados especiais e normas de conduta

- Seguir somente pelos trilhos sinalizados;
- Cuidado com o gado. Embora manso, não gosta da aproximação de estranhos às suas crias;
- Evitar barulhos e atitudes que perturbem a paz do local;
- Observar a fauna à distância, preferencialmente com binóculos;
- Não danificar a flora;
- Não abandonar o lixo, levando-o até um local onde haja serviço de recolha;
- Fechar as cancelas e portelos;
- Respeitar a propriedade privada;
- Não fazer lume;
- Não colher amostras de plantas ou rochas;
- Ser afável com os habitantes locais, esclarecendo quanto à actividade em curso e às marcas do PR.

Contactos Gerais: Câmara Municipal de Nisa - Tlf.: 245 410 000 // Fax: 245 412 799
Posto de Turismo de Nisa - Tlf.: 245 412 457
GNR (Nisa) - Tlf.: 245 410 116
Bombeiros Voluntários de Nisa - Tlf.: 245 412 303
Centro de Saúde de Nisa - Tlf.: 245 412 133 (Urgências das 8 às 20 horas)

Contactos específicos: PR6 - «Rota dos Açudes»
Junta de Freguesia de Montalvão (Extensão de Salavessa) - Tlf.: 245 743 280
GNR (Montalvão) - Tlf.: 245 743 114

Projecto financiado por:

Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional INTERREG III A PORTUGAL ESPANHA

Dirección Geral do Desenvolvimento Regional Autoridade de Pagamento

MINISTERIO DE HACIENDA
Dirección Gral. de Fondos Comunitarios y Financiación Territorial Autoridade de Pagamento

Apoios de:

INSTITUTO DE TURISMO DE PORTUGAL

EW ERA FERP
FEDERATION EUROPÉENNE DE LA RANDONNÉE PÉDESTRE

Percurso pedestre registado e homologado pela:
FEDERAÇÃO DE CAMPISMO E MONTANHISMO DE PORTUGAL

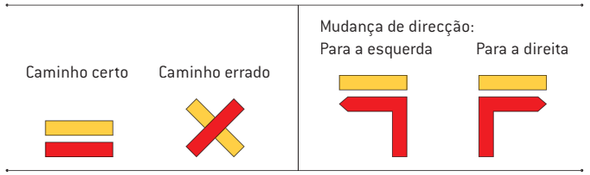
PR 6

início/fim do percurso: **SALAVESSA**
grau de dificuldade: **MÉDIO**
extensão: **10,6 KM**
duração: **3h30**

Rota dos Açudes

_ _ percursos pedestres de Nisa

O **PR 6** «Rota dos Açudes» é um percurso pedestre de pequena rota marcado nos dois sentidos, segundo as normas da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal.
As marcas com tinta amarela e vermelha são as seguintes:



fauna e flora

Junto ao estuário do Tejo, onde se pode pescar o barbo, a boga, a carpa, o achigã, a enguia, o bordalo e a perca, vivem espécies como a garça-real, a cegonha-negra, o milhafre-real, a águia-pesqueira, o abutre-negro, o bufo-real e o grifo. Neste território encontra-se o javali, o veado, a raposa, o ginete, a lebre, o saca-rabos e o gato-bravo.
O Tejo é dominado por sobreiro, azinheira, oliveira, pinheiro bravo, eucalipto, amieiro, choupos branco e negro, bem como por espécies como a esteva, a giesta, o rosmaninho, o zimbro, o medronheiro, a urze e o alecrim. Nas margens abundam o junco, os salgueiros branco e comum, o choupo e o freixo.

geografia

Neste troço do Tejo destacam-se as zonas de declive acentuado, com penhascos inclinados e abundantes socalcos, cobertos com flora da região. O vale encaixado deste rio, separando a Beira do Alentejo, marca a transição entre o sul, quente e seco, e o norte, mais temperado e húmido. Nas margens, de relevos rochosos ricos em xisto, granito e quartzo, desaguam diversos rios e ribeiras, que em cursos sinuosos alimentam açudes e barragens. Toda a área do Tejo que delimita o topo do concelho de Nisa, num total de 43 quilómetros, se caracteriza pela biodiversidade animal e vegetal, bem como pelas riquezas geológica e arqueológica a ela associadas.

aspectos de interesse

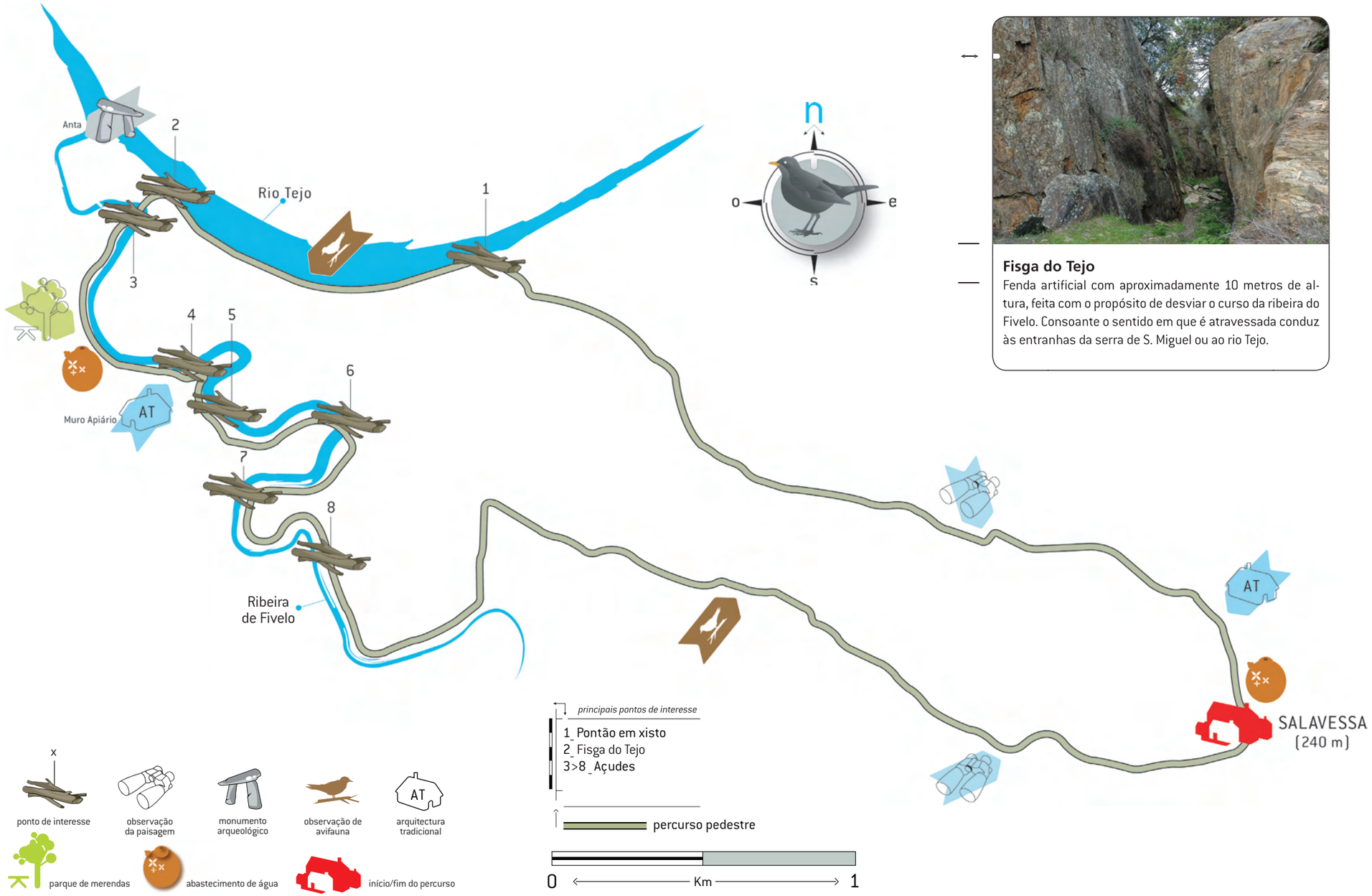
Em Salavessa, visite a igreja e admire as casas de corpulentas chaminés, em contraste com a zona norte da povoação, onde abundam os palheiros, os currais e os muros de xisto com o seu remate característico.
Feita a descida até ao rio, atravesse a Fisga do Tejo, bom local para a prática da pesca. Ao subir a ribeira de Fivelo, aprecie a engenharia tradicional presente nos açudes e noras, bem como os muros de sustentação das oliveiras, úteis contra a erosão dos solos.
No regresso, não se esqueça de provar o típico pão de trigo de Salavessa. Aproveite para visitar as antas da Terra do Sobreirão, um local próximo da aldeia, e do Pego do Bispo, junto à foz da ribeira de Fivelo.

grau de dificuldade: **MÉDIO**

PR 6 Rota dos Açudes

extensão: **10,6 KM** / duração: **3h30**

O percurso inicia-se na aldeia de Salavessa, onde sobressaem as casas brancas de rodapés coloridos, ou com o tradicional rebouco encrespado e grandes chaminés. Percorra as ruas estreitas da povoação, admirando as janelas e as portas tradicionais, e faça uma visita à ermida dedicada a São Jacinto.
Saindo pelas traseiras de Salavessa, onde foram construídas as primeiras habitações, a paisagem muda radicalmente, surgindo os palheiros de xisto, os currais e as furdas. Siga entre muros, por caminhos de terra e pedra, em desníveis acentuados, acompanhado por uma paisagem de sobro, descendo em direcção ao Tejo.
Encontre a margem do rio num pontão à borda de água e siga por um antigo caminho que termina na Fisga do Tejo, uma fenda artificial que depois de atravessada o leva até um açude e às entranhas da Serra de São Miguel.
Sempre na companhia da ribeira de Fivelo, descubra o segundo açude e, mais à frente, um muro apiário dissimulado na vegetação. Serpenteie as colinas e contemple os açudes e as noras, em conjunto com os canais de rega, outrora utilizados no aproveitamento das águas para a irrigação das hortas. Continue a subida, passando junto aos socalcos das oliveiras, até regressar a Salavessa.



Fisga do Tejo
Fenda artificial com aproximadamente 10 metros de altura, feita com o propósito de desviar o curso da ribeira do Fivelo. Consoante o sentido em que é atravessada conduz às entranhas da serra de S. Miguel ou ao rio Tejo.